

A INSERÇÃO DA LÍNGUA ITALIANA COMO SEGUNDA LÍNGUA: UM RESGATE CULTURAL NAS CIDADES DESCENDENTES

Paulino Eidt – UNOESC
Jussara Farias Bom – UNOESC

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

RESUMO

A Região Sul do Brasil, do ponto de vista da diversidade lingüística, caracteriza-se, entre diversos outros aspectos, pelo contato do português com as línguas dos imigrantes europeus que colonizaram a região desde o século XIX. Os italianos assumem posição de destaque, não só pelo número de falantes, mas também pelas áreas ocupadas e pela influência no contexto lingüístico, sociocultural e econômico do sul do país. O presente estudo investiga a importância da língua materna no processo de aprendizagem. Enfoca, sobretudo, a questão da tradição, identidade cultural e referências no processo do ensino e aprendizagem na língua materna. Num segundo momento, ainda em fase de levantamentos de dados, será feita uma pesquisa de campo sobre a língua italiana, especificamente no município de Celso Ramos (SC). Serão abordadas questões de pesquisa como: a globalização e a extinção das singularidades regionais, o peso da tradição e da cultura na escolha de uma segunda língua e o peso da mídia na desestruturação das diversidades regionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, através de entrevistas com alunos, professores, dirigentes e pessoas da comunidade. A investigação bibliográfica contempla autores que debatem a identidade cultural e aprendizagem, a diversidade lingüística e cultural, além do processo de massificação cultural e suas implicações nas regiões de migração.

Palavras-chave: Bilingüismo. Cultura. Língua estrangeira. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A Região Sul do Brasil, do ponto de vista da diversidade lingüística, caracteriza-se, entre diversos outros aspectos, pelo contato do português com as línguas dos imigrantes europeus que colonizaram a região desde o século XIX. Os italianos assumem posição de destaque, não só pelo número de falantes, mas também pelas áreas ocupadas e pela influência no contexto lingüístico, sociocultural e econômico. O presente estudo pretende investigar a identidade cultural no processo ensino-aprendizagem. Enfatiza a globalização; o peso da tradição, da mídia e da cultura na escolha de uma segunda língua. Considera ainda a importância entre os fatores sociais e lingüísticos na construção da identidade. Contempla a relação entre cultura e linguagem, seus aspectos subjacentes e sua importância no processo ensino aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso, da língua italiana.

A linguagem constitui um comportamento central no conceito de cultura e estabelece com ela uma relação dialética, pois, a comunicação é um processo cultural que por sua vez torna possível a existência da cultura como um complexo do conhecimento, costumes e valores (LARAIA, 1986).

Esta estreita relação entre cultura e linguagem, seus aspectos subjacentes e sua importância no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira tem sido motivo de recentes debates. Essas reflexões se intensificaram nas últimas décadas, devido ao incremento tecnológico, representado por novos métodos de comunicação como a internet e a formação de blocos econômicos internacionais que resultaram no fenômeno da globalização. O surgimento da língua tornaram possível o sistema de cultura. Não só no transmitir o conhecimento de pessoa para pessoa, mas também o de propagar idéias de geração para geração.

2 ESCOLA, CULTURA E APRENDIZAGEM

A comunicação humana é um conjunto sutil e engenhoso de processos. Ela é sempre densa com milhares de ingredientes-sinais, significados, Milhares de componentes que estão em operação (SMITH).

Os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios (PIAGET).

Segundo FREIRE (1996, p. 96), o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Paulo freire tem uma proposta voltada a uma didática implícita na orientação do trabalho escolar, cujo ensino é centrado na realidade social: é uma didática que busca desenvolver o processo educativo como tarefa que se dá no interior dos grupos sociais e por isso o professor é coordenador das atividades que se organizam sempre pela ação conjunta dele e dos alunos.

O conceito de aprender está muito vinculado ao de ensinar. No entanto, as concepções atuais sobre aprendizagem mostram que a ação de ensinar pode provocar diferentes tipos de aprendizagem. As teorias de aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, partindo do reconhecimento da evolução cognitiva do homem, e tentam explicar a relação entre o conhecimento pré-existente e o novo conhecimento. A

aprendizagem não é apenas inteligência e construção de conhecimento, mas, basicamente, identificação pessoal e relação através da interação entre as pessoas. Como afirma Jean Piaget “Os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios”.

Reforçando os princípios defendidos por Vygotsky e Piaget, a aprendizagem se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Isso quer dizer que, ao lado dos processos cognitivos de elaboração absolutamente pessoal (ninguém aprende pelo outro), há um contexto que, não só fornece informações específicas ao aprendiz, como também motiva, dá sentido e “concretude” ao aprendido, e ainda condiciona suas possibilidades efetivas de aplicação e uso nas situações vividas no dia a dia.

Os estudos de Piaget permitem entender também que todas as pessoas têm a capacidade de transmitir cultura. Os seres humanos são a única espécie que intencionalmente acumula cultura e valores e dedica um enorme esforço em passá-los para outros elementos da comunidade; entendem os diferentes níveis de conhecimentos e graus de dificuldades das outras pessoas e são capazes de se adequarem apropriadamente a esses níveis. Por exemplo, uma pessoa se comporta diferentemente quando interagindo com uma criança ou com um adulto. Assim, não só adquirimos informações como somos capazes de transmiti-las desde os primeiros dias de vida e fazemos isto constantemente. Porém, esta transmissão de cultura e valores nunca é formal ou semelhante ao que acontece no ensino tradicional: não tem hora nem lugar para acontecer, não depende de um currículo nem de pré-requisitos. Aprendemos e ensinamos porque temos que resolver problemas reais e interagir com pessoas e objetos do nosso dia-a-dia.

Existe uma semelhança muito grande entre a lingüística e a cultura, pois linguagem também é cultura, isso porque o homem pensa, raciocina, transforma, produz histórias através de sinais, escrita, símbolos; apenas o que muda é a forma da linguagem (fala) devido aos fatores geográficos e regionais. Cultura e lingüística fazem parte das raízes humanas. Neste contexto, as diversidades devem ser respeitadas na vida social e no contexto escolar. Cultura é a herança adquirida de nossos antepassados e que deve ser respeitada, pois somos usuários dela, e dependemos dela para sobreviver e temos o compromisso de repassá-la aos nossos descendentes.

Em um aspecto cultural, é possível dizer que estão envolvidos os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefa que a criança em crescimento enfrenta, e os instrumentos mentais e físicos de que a criança necessita para aprender a tarefa. Um dos principais instrumentos utilizados é a linguagem, e baseado nisso, Vygotsky baseou

toda sua obra na linguagem e sua relação com o pensamento. Na obra de Oliveira, vê-se que “A linguagem humana tem para Vygotsky duas funções básicas: a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante. Isto é, além de servir ao propósito de comunicação entre indivíduos, a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando as instâncias do mundo real em categorias conceituais cujo significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem”. E o aspecto histórico se junta com o cultural, pois os instrumentos que o homem usa, para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento, foram criados e modificados ao longo da história social da civilização.

Para Vygotsky (2007) o desenvolvimento humano e a história da sociedade estão totalmente ligados, não seria possível separá-los. Desde o nascimento as crianças, têm constante interação com os adultos, pois estes, naturalmente procuram passar para as crianças sua maneira de se relacionar e sua cultura a ser transmitida. E é através deste contato com os adultos que os processos psicológicos mais complexos vão tomando forma. Esse processo, no início é inter-psíquicos, ou seja, partilhado entre pessoas, quando a criança vai crescendo os processos acabam por ser intrapsíquicos, realizado pela própria criança.

Segundo os estudos realizados por Vygotsky, em um primeiro momento os aspectos motores e verbais do comportamento estão misturados.

A fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. Como a criança está cercada por adultos na família, a fala começa a adquirir traços demonstrativos, e ela começa a indicar o que está fazendo e de que está precisando. Após algum tempo, a criança, fazendo distinções para os outros com o auxílio da fala, começa a fazer distinções para si mesma. E a fala vai deixando de ser um meio para dirigir o comportamento dos outros e vai adquirindo a função de auto-direção (BOCK; FURTADO & TEIXEIRA, 2005, p. 109).

Pode-se dizer então que, o desenvolvimento é sustentado pelas interações de um sujeito com o outro, ou melhor, da criança com o adulto. Segundo Bock, Furtado e Teixeira todos os movimentos e expressões verbais da criança, no início de sua vida, são importantes, pois afetam o adulto..., A fala inicial da criança tem, portanto, um papel fundamental no desenvolvimento de suas funções psicológicas. Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas, defendendo a idéia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa. O desenvolvimento é pensado como um processo, onde estão presentes a maturação do organismo, o contato com a

cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem. Ou seja, o desenvolvimento é um processo que se dá de dentro para fora.

Vygotsky construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo histórico-cultural, enfatizando o papel da aprendizagem nesse desenvolvimento ao valorizar a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o social, ou seja, o homem se constitui homem nas suas relações sociais, na troca com outros sujeitos e consigo próprio, internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais. A partir da apropriação dos elementos da cultura é que são desenvolvidas as funções psicológicas superiores por meio de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. “[...] o papel da educação é criar desenvolvimento. Porém, não se cria desenvolvimento a partir do nada, mas é sempre uma construção sobre a base do desenvolvimento existente previamente” (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1995).

A Linguagem torna-se uma lente, por onde se pode perceber a cultura de uma região ou país. Estudar uma língua estrangeira pode nos ajudar entender melhor a própria língua. Aprofundando a compreensão da própria cultura, melhorando as competências lingüísticas gerais, envolvendo outras habilidades de aprendizagem. Assim, o estudo da língua estrangeira pode aumentar suas habilidades para funcionar em outras esferas da vida, nos ajuda a enfrentar novas ideologias e, aprender a adaptar-se às diversidades. Afinal uma língua é um meio de comunicação e expressão unindo culturas diferentes melhorando as competências cognitivas.

3 A CULTURA ITALIANA

Numa mesma comunidade ocorrem variações lingüísticas, e quanto mais conhecermos sobre elas melhor entenderemos a cultura e melhor poderemos interagir.

Quem não vive a própria raiz não tem sentido a vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento do presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem estar presos ao passado, mas precisamos legítimos e só as raízes nos dão legitimidade (PEDROSO, 1999).

O conhecimento, o contato precoce e o interesse pela língua italiana poderão ser vistos como investimento do futuro, proporcionando aos estudantes maior oportunidade de trabalho (OLIVEIRA, 1992, p. 33).

Para Bourdieu (2004), a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. E este, segundo o sociólogo, está diretamente relacionado ao desempenho dos alunos na sala de aula. O ‘capital cultural’ contribui, assim, para a formação da ética da responsabilidade coletiva, para o fortalecimento da subjetividade, e consubstancia-se em uma estratégia de recomposição da cidadania perdida pelo aumento da desigualdade, a partir de práticas democráticas.

A relação existente entre língua e cultura é indiscutível. Segundo Kramsch (1998, p. 129), “diferentes línguas oferecem diferentes formas de perceber e expressar o mundo ao nosso redor, levando assim seus usuários a conceberem o mundo de formas diferentes”. Visto que língua e cultura estão diretamente interligados, não é difícil perceber que não se podem ensinar línguas sem abordar a cultura, não se pode anular a cultura do aprendiz. Cultura é a herança adquirida de nossos antepassados e que devem ser respeitada, pois somos usuários dela, e ela possui um efeito cumulativo.

4 GLOBALIZAÇÃO: SEUS FATORES DIANTE DO CONCEITO DE IDENTIDADE

A globalização e a massificação cultural afetam diretamente as diversidades e a identidade de grupos culturais. Stuart Hall aponta a globalização como um fenômeno que atravessa fronteiras nacionais:

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço – tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (HALL, 2000, p. 75).

A globalização afeta todas as identidades culturais, destruindo diversidades, fidelidades e impondo valores de forma verticalizada. Surgem, neste sentido, novas formas de conhecimento, de cultura, de símbolos e de identidades.

O processo de globalização e da massificação cultural, através do meio técnico científico, não respeita limites geográficos e tampouco limites culturais. O autor Joanildo Burity mostra a posição tradicional da identidade e o processo de evolução com a globalização:

Tradicionalmente, a idéia de identidade foi associada a um "seu-próprio" que não se dividia com outros, que se pretendia proteger dos outros e que determinava uma uniformidade interna entre os "portadores" de tais atributos. Além disso, a identidade se revestia de uma atemporalidade que escondia tanto a história de seu desenvolvimento como a existência de outras possibilidades de sua expressão que foram preteridas ou derrotadas ao longo desta história. O cenário da globalização, ao alterar os processos tradicionais de produção e reprodução da identidade, confronta-a com sua própria historicidade – e, portanto, com a possibilidade de ser diferente de si mesma, heterogênea consigo mesma – e com a relação ao outro – e, portanto, com a necessidade de reconhecer dentro de si a presença (ausente) de outros sujeitos e de negociar com eles suas demandas e valores (BURITY, 2001).

O reconhecimento e o direito a diversidade cultural tem gerado movimentos de caráter nacional e regional, todas as formas de opressão contra estes.

A globalização é um fenômeno, que no mínimo é duplamente intrigante, pelo fato que extingue com as culturas minoritárias dando espaço as culturas dominantes, fazendo com que, pequenos grupos culturais percam sua identidade originária; e por outro fortalece determinadas culturas que buscam a partir deste fenômeno preservar e conservar sua identidade cultural. A globalização e o multiculturalismo normalmente são vistos como predador e presa. Pelo contrário do que se possa pensar, estes podem caminhar juntos, desde que obtenham um ponto de equilíbrio.

Concluimos que com a democratização do acesso, a língua estrangeira (LE) está ligada ao lema da diversidade de culturas que vem adquirindo grande importância no contexto da atualidade na medida em que as minorias começam a se manifestar. Por conseguinte o ensino de línguas estrangeiras contribui significativamente para a educação da pessoa e para o entendimento das diversidades. O ensino de línguas também é importante porque contribui para o desenvolvimento de um senso de responsabilidade humanizadora, além de contribuir para o desenvolvimento das tradições tanto universais como locais.

A questão da democratização do conhecimento tem feito parte de grandes debates sobre os rumos da educação brasileira no contexto do século XXI, que exige redefinições de valores e comportamentos. O acesso ao conhecimento torna-se crescente, uma das maiores exigências no campo da cidadania. O acesso à língua estrangeira tem um grande papel nesse processo, auxiliando o educando em seu processo de auto-afirmação, recuperação ou afirmação da auto-estima.

Soares (1988) tratou das questões vinculadas à relação entre linguagem/cultura/ideologia e relações de poder vinculadas ao aspecto cultural. O idioma precisa estar a serviço do usuário e a convivência direta com pessoas descendentes de italiano

é uma realidade vivida por muitos. A língua italiana é um ponto de referência entre compatriotas e momentos de trocas entre semelhantes.

No caso específico da Língua Italiana numa região de migração europeia, ela estabelece um link profundo entre a expressão literária de nossos antepassados. É de uma, pluralidade, riqueza e de profundidade indescritível para quem está imerso nesta cultura. Desta forma, aprender uma nova língua não é só uma língua, não é só alcançar o domínio funcional de um novo código lingüístico, mas, também ser capaz de interpretar e relaciona-se com uma realidade sociocultural diferente. Significa penetrar na cultura, conhecer suas nuances, ampliando a bagagem cultural, permitindo nova sintonia frente a necessidade do mundo contemporâneo.

REFERENCIAS

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio, M. M.. **Bourdieu e a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica 2009.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T.. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. Pág. 98-110. , 13 ed., São Paulo, Saraiva, 2002

VYGOTSKY, L. S.. **A formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Martins Fontes. São Paulo, 2007

HALL, S.. **A identidade cultural pós modernidade**. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1992.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.